

Sobre a autonomia e a ginástica: a práxis na implementação da ginástica para todos em organizações não governamentais

RESUMO

A Ginástica para Todos (GPT) tem se desenvolvido gradativamente em diferentes contextos sociais, mas ainda pouco em Organizações não Governamentais (ONGs). Esta pesquisa apresenta uma proposta de implementação da GPT neste setor, numa perspectiva dialógica, crítica e emancipatória. Trata-se de uma pesquisa documental e de campo, com abordagem qualitativa, organizada em três fases, em duas ONGs e com cinco educadores(as). Identificou-se que: os processos dialógico e de empoderamento dos(as) educadores(as) (por meio da práxis), nas quatro fases do processo, foram muito significativos; o curso de capacitação teve impacto na formação dos(as) educadores(as); a tutoria foi de muita relevância para o desenvolvimento das aulas e da coreografia; a apresentação no festival coroou o processo de implementação, constituindo-se uma realidade e uma meta alcançada para todos(as) os(as) envolvidos(as), inspirando autonomia para trajetórias futuras.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire; Ginástica para todos; Empoderamento; Terceiro setor

Bianca Assumpção

Mestrado em Educação Física
Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP),
Faculdade de Educação Física (FEF),
Campinas, SP, Brasil.
assumpcao.bianca@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2724-0234>

Eliana de Toledo Ishibashi

Doutorado em Educação Física
Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP),
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA),
Limeira, SP, Brasil.
eliana.toledo@fca.unicamp.br
<https://orcid.org/0000-0002-0430-8040>

About autonomy and gymnastics: the praxis in implementing gymnastics for all (GPT) in non-governmental organizations

ABSTRACT

Gymnastics for All (GPT) has been gradually developing in different social contexts, but little has happened in Non-Governmental Organizations (NGOs). The research presents a proposal for implementing GPT in this sector, from a dialogical, critical, and emancipatory perspective. This documentary and field research, with a qualitative approach, was organized in three phases, in two NGOs and with five educators. It was identified that the dialogical process and empowerment of educators (through practice), in the four phases of the process, were very significant; the training course had an impact on the qualification of educators; tutoring was very important for the development of classes and choreography. The presentation at the festival proclaimed the implementation process, constituting as a reality and an objective achieved for everyone involved, inspiring autonomy for future trajectories.

KEYWORDS: Paulo Freire; Gymnastics for all; Empowerment; Third sector

Sobre autonomía y gimnasia: la praxis en la implementación de la gimnasia para todos en organizaciones no gubernamentales.

RESUMEN

La Gimnasia para Todos (GPT) lentamente viene desarrollándose en diferentes contextos sociales, pero aun parece que es muy poco en las ONGs. Esta investigación presenta una propuesta de implementación de la GTP en este sector, desde una perspectiva dialógica, crítica y emancipatoria. Esta es una investigación documental y de campo, con un enfoque cualitativo, hecha en tres fases, en dos ONGs y con cinco educadores(as). Fue verificado que: los procesos dialógico y de empoderamiento de los educadores(as) (por medio de praxis), en las cuatro fases del proceso, fueron muy significativos; el curso de capacitación tuvo impacto en la formación de los educadores(as); La tutoría fue de mucha relevancia para el desarrollo de las clases y de la coreografía; la presentación en el festival coronó el proceso de implementación (finalizó con mucho éxito el proceso de implementación), constituyéndose cómo una realidad y una meta alcanzada por todos(as) los(as) involucrados(as), inspirando autonomía para futuras trayectorias.

PALABRAS-CLAVE: Paulo Freire; Ginmasia para todos; Empoderamiento; Tercero sector

1. ENSAIOS SOBRE A GINÁSTICA E O TERCEIRO SETOR

A Ginástica apresenta áreas e tipologias distintas (SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2007; TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005; SOUZA, 1997), e parecem estar disseminadas em diferentes setores sociais, conforme apontam Toledo e Silva (2013). Nas escolas sua presença (assim como sua ausência) vem sendo amplamente debatida e pesquisada (PRESTA; AYOUB, 2023; MOREIRA *et al.*, 2020; MALDONADO; BOCCHINI, 2015; SOARES *et al.*, 2014; FREIRE; SCAGLIA, 2010; DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2010; SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2007) e, de modo mais incipiente, temos produções sobre sua manifestação em academias de ginástica como condicionamento físico e *fitness* (TOLEDO, 2010), em clubes, condomínios, programas públicos, hotéis, cruzeiros etc. A Ginástica também vem gradativamente ganhando mais visibilidade, mas ainda com pouca incidência, no terceiro setor (TS) e, mais especificamente, nas organizações não governamentais (ONGs) que dele fazem parte.

A inserção da Ginástica neste contexto das ONGs parece ainda ter muitos desafios, mesmo tendo havido nas últimas três décadas uma veiculação de diferentes modalidades potencializada na mídia, com destaque para a artística e a rítmica. Estes desafios parecem se relacionar a: falta de capacitação dos profissionais; falta de materiais (do próprio esporte ou para segurança); espaço físico inadequado; alto custo de materiais (de pequeno e grande porte); desvalorização do profissional de Educação Física nestes contextos; não visualização da ginástica como uma possibilidade de formação humana; dentre outros. Segundo Toledo, Desiderio e Schiavon (2013) os esportes mais tradicionais e populares ainda possuem uma prevalência neste setor. A presença da ginástica continua tímida, embora as autoras tenham dado exemplos de como realizaram esta inserção (com a ginástica artística e a ginástica para todos). Essas autoras ainda mencionam a importância de um trabalho dialógico e emancipatório que subsidie todo o processo de intervenção, a partir das premissas pedagógicas do educador Paulo Freire, o que se deflagra no depoimento de um dos participantes do projeto (anos depois de o ter vivenciado). Essas relações da Ginástica com as perspectivas freireanas foi apontada neste projeto com ênfase na ginástica artística, e vêm sendo relacionadas a algumas práticas gímnicas, como a ginástica rítmica (TOLEDO, 2014; 2020), que vem ganhando espaço sobretudo na Ginástica para Todos, como aponta os estudos de Toledo (LOPES e CARBINATTO, 2023).

Além dessa produção, há outras, consonantes à esta, que ressaltam a parceria público-privada para a prática da ginástica rítmica, a exemplo da realizada por Menegaldo, Toledo e Bortoleto (2017), na cidade de Campinas; por Buarque (2005), desenvolvido no Programa Social da

Mangueira (especificamente no Projeto Olímpico), intitulado de “GRD no ritmo da Mangueira”, a partir do ano 2000, na cidade do Rio de Janeiro.

Uma pesquisa mais abrangente com ONGs filiadas à Rede Esporte Pela Mudança Social (REMS) evidenciou o quanto a ginástica é realmente incipiente, demonstrando “a necessidade de potencializar e democratizar o ensino da ginástica [...] por diferentes iniciativas provenientes do poder público, privado, das próprias ONGs e seus parceiros institucionais (incluindo a Universidade)” (ASSUMPÇÃO; TOLEDO, 2017, p. 38). Das Ginásticas desenvolvidas por essas poucas ONGs, as de condicionamento físico foram as com maior incidência.

As práticas gímnicas de caráter mais demonstrativo, como a Ginástica para Todos (GPT), parecem ser ainda menos desenvolvidas neste contexto do TS, e são até desconhecidas pelos profissionais que atuam nessas organizações. Alguns relatos de experiência e pesquisas apresentam um alinhamento profícuo entre a GPT e os princípios e objetivos das ONGs, uma vez que ela possibilita a participação de todos, respeitando potencialidades, limitações individuais, e a diversidade (gênero, faixa etária, etnia etc.), promovendo de modo coletivo o aprendizado e a socialização dos conhecimentos (TRUZZI; SCARABOTTO; RODRIGUES, 2005; BARBOSA-RINALDI; PAOLIELLO, 2008; TOLEDO; CARBINATTO; TSUKAMOTO, 2016; GRANER; AYOUB, 2016). Aliás, recentemente o trabalho de Truzzi e Ugaya (2022) mostrou os impactos de longo prazo de projetos com estas perspectivas, com depoimentos de participantes 20 anos após a experiência.

Defendemos que GPT pode potencializar a conscientização, a sustentabilidade, a crítica e a transformação da realidade social, a partir do empoderamento de jovens e crianças que participam de projetos ofertados pelas ONGs. Aliás, para Schiavon e Toledo (2016) a GPT pode ser ainda concebida como uma tecnologia social, o que a torna ainda mais alinhada com as premissas do terceiro setor.

Segundo Assumpção (2018) existem apenas alguns relatos de experiência publicados principalmente em Congressos, havendo uma grande lacuna de pesquisas sobre os processos metodológicos e de implementação da GPT em ONGs, o que também justifica a realização deste trabalho. Assim, o objetivo desta pesquisa é trazer uma proposta piloto de implementação da Ginástica para Todos nas instituições do terceiro setor, a partir do registro e da análise da experiência dialógica entre as pesquisadoras e educadores(as) participantes, rumo a um processo de autonomia profissional e institucional.

2. ESTABELECENDO O CROQUI COREOGRÁFICO DA PESQUISA

Trata-se de uma proposta piloto de implementação da GPT, caracterizada por uma pesquisa documental e de campo, com abordagem qualitativa, e composta de três etapas com métodos diferentes.

A primeira etapa abordou uma pesquisa documental (OLIVEIRA, 2007), para estabelecer um levantamento do contexto das ONGs da cidade de São Paulo, a partir de documentos fornecidos pela Secretaria Municipal da Assistência Social (SMADS). Foram analisados dados como a localização dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) nas subprefeituras da cidade de São Paulo, bem como a modalidade de serviço e atendimento. Definiu-se então, o território que faria parte da pesquisa, a partir de critérios como maior vulnerabilidade, grande demanda de atendimento à crianças e adolescentes e baixa demanda de serviços oferecidos à população. Posteriormente, estabeleceu-se a amostra que participaria da pesquisa: a ONG Social Bom Jesus (sedes CCINTER Imbé e Clube da Turma), a partir de critérios de perfil institucional e adesão à proposta.

A segunda etapa caracterizou-se por uma pesquisa de intervenção (ROCHA; AGUIAR, 2003), com duração de seis meses e que contou com um processo de quatro fases: 1 – curso de capacitação em GPT (com o objetivo de propiciar subsídios básicos teóricos/práticos para a implementação desta prática em suas organizações, foi elaborado pelas pesquisadoras um material didático em formato de apostila e estabelecido com os gestores em oito encontros (com três horas de duração cada). Os módulos do curso foram: O Universo da Ginástica, Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Ginástica Acrobática, Ginástica para Todos, Composição coreográfica, Materiais de pequeno e grande porte, Planejamento e Fechamento); 2 - implementação da GPT (após a elaboração de um cronograma de implementação nas respectivas organizações e definição das turmas, o processo de implementação durou cerca de dois meses, foi conduzida pelos(as) próprios(as) educadores(as), em média 16 encontros, duas vezes por semana, com as turmas); 3 - tutoria presencial e *online* (se deu desde o primeiro dia de curso por meio de conversas individuais e coletivas no aplicativo WhatsApp e presencialmente, durante a implementação); 4 - participação num festival de GPT (fechamento do processo de implementação da GPT, entendendo que seria de grande relevância para todos os envolvidos e para uma perspectiva de continuidade da proposta de GPT nas ONGs).

A terceira etapa se deu por uma pesquisa descritiva (TRIVIÑOS, 1987) com abordagem qualitativa, com o instrumento questionário e análise de conteúdo de Bardin (2011). O questionário

foi criado na plataforma Google Forms, estruturado com perguntas fechadas (que possibilitaram traçar um perfil) e abertas (acerca de todas as fases do processo de intervenção, citadas acima), e direcionado aos(as) cinco educadores(as) que compuseram a amostra desta pesquisa.

Todas estas etapas foram desenvolvidas no ano de 2018. Elas contaram com a intervenção direta das autoras e a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CAEE: 74972117.8.0000.5404). Neste artigo as primeiras fases serão mencionadas com mais brevidade e será enfatizada a quarta etapa (em suas três fases).

3. NUANCES DE “UMA” COMPOSIÇÃO COLETIVA: processo e cena a partir de uma perspectiva dialógica

Uma composição coreográfica pode possuir, desde o início de sua concepção até sua apresentação, muitos acentos, tensões, ideias, sensações, explorações, sentimentos e experiências polissêmicas do corpo com o outro, com o espaço, com o material, com a música, com ele próprio. Para esta pesquisa, nos cabe trazer nuances de uma composição científica, realizada dialogicamente entre as pesquisadoras e os(as) cinco educadores(as) do terceiro setor, nuances estas que metodologicamente serão denominadas por temas, seguindo uma ordem cronológica das fases do processo de intervenção (curso de capacitação, implementação da GPT, tutoria e participação num festival).

A partir das perguntas fechadas do questionário (1 a 7), foi possível traçar um perfil da amostra: cinco educadores(as), sendo dois homens e três mulheres, entre 21 e 33 anos, três deles(as) graduados em educação física e um(a) em pedagogia, que trabalhavam há, no mínimo, três anos na organização com atividades esportivas e socioeducativas.

As perguntas abertas (8 a 24) abordaram questões de cada fase de intervenção, porém, nesta pesquisa, ressaltaremos apenas os aspectos mais relevantes do curso de capacitação (questão 8), formas de colaboração profissional e pessoal do curso de capacitação (questão 9), facilidades e dificuldades do processo de capacitação (questão 10) e percepções sobre a tutoria presencial e *online* (questão 11) e o papel da apresentação num festival de GPT (questão 12).

A análise de conteúdo de Bardin (2011) se deu em três momentos, os quais podem ser chamados de reduções, sendo elas: Unidades de Contexto (UC), Unidades de Registro (UR) e Categorização. Com base nos depoimentos dos participantes, foram identificadas as UCs. A partir delas, foram identificadas as URs. A partir do levantamento das URs, foram identificadas categorias, pois correspondem a um grupamento de ideias a partir de suas similaridades, conforme

exposto por Bardin (2011). Com as categorias já estabelecidas, elaborou-se os quadros contemplando a frequência que as URs aparecem.

3.1 O início dos diálogos

O início dos diálogos com os(as) educadores(as) se deu a partir do “1 – curso de capacitação em Ginástica para Todos”, e, dado o tempo curto para a realização sua realização, proposto pela direção da ONG, ele se estruturou a partir de diferentes estratégias pedagógicas (das mais diretivas às mais participativas), com algumas metodologias mais específicas de cada módulo (a partir das propostas teóricas destas áreas da Ginástica), mas tendo como abordagem maior de ensino uma pedagogia para a autonomia (FREIRE, 2002), de forma transversal em todos os módulos.

Destacamos a questão 8: “Descreva o que você considerou mais relevante em cada módulo do curso de capacitação”; e a partir do processo de categorização das respostas, obtivemos o seguinte quadro:

Quadro 1. Categorização da questão 8 – Análise dos(das) educadores(as) sobre os aspectos mais relevantes do curso de capacitação

CATEGORIA	FREQUÊNCIA (UR)
Vivências práticas	12, 14, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 34, 35, 49, 50, 51, 52, 54, 58, 59, 62, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 73
Compreensão da concepção	01, 02, 03, 04, 05, 07, 08, 09, 10, 15, 17, 20, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 61, 66, 72
Sensações/Impressões	16, 24, 26, 31, 32, 33, 36, 45, 53, 55, 57, 60, 65, 71
Utilização de vídeos	11, 13, 16, 37, 46, 56
Novas experiências	06, 50, 51

Fonte: Autoria própria

As *vivências práticas* foram evidenciadas em todos os módulos, como esperado e programado por meio do conteúdo, como: fundamentos das ginásticas, exploração e manejos de materiais, utilização de materiais de apoio e segurança, composições coreográficas etc. Vivenciar, experimentar e praticar é de suma importância para dar confiança aos educadores(as) no momento de ensinar, condizendo com o objetivo do curso de oferecer subsídios e compartilhar experiências para que os(as) educadores(as) se sentissem aptos e/ou mais confiantes para ensinar os conteúdos da ginástica.

Schiavon (2003) aponta que um dos fatores que impede os professores de desenvolverem a ginástica em escolas é o medo de machucarem as crianças, por não saberem como fazer a segurança dos exercícios, revelando a importância das vivências práticas. No caso da GPT, valoriza-se ainda

mais as aprendizagens práticas (com materiais, elementos, música, sequências coreográficas etc.), aspecto enaltecido por graduandos(as) participantes de projetos extensionistas na Universidade (BATISTA, 2019).

Quanto à categoria *compreensão da concepção*, é visível que essa incidência tem total relação com o planejamento programado para cada módulo, por exemplo: O primeiro módulo “A – Universo da Ginástica” foi basicamente teórico, pois considerou-se a necessidade de introduzir o assunto conceitualmente já que todos demonstraram certo distanciamento em relação à temática. Da mesma forma, o módulo “D – Ginástica Para Todos (conceitos)” também teve foco em apresentar e discutir conceitos, porque era a introdução do tema principal do curso, a GPT. A maioria das URs alocadas na categoria *compreensão da concepção* refere-se a estes dois módulos, porém, podemos perceber que há também a incidência de respostas referentes à módulos compostos por muitas atividades “práticas”, mas que foram desenvolvidas a partir da práxis. Concepção que para Freire (2002), está diretamente relacionada a um constante fluxo entre teoria e prática, visando a um desenvolvimento crítico neste processo educativo; e que para Toledo (2020) vem se alinhando nas propostas de GPT de professores(as), treinadores(as) e pesquisadores(as).

A categoria *sensações/impressões* retrata algo mais abstrato e de caráter sentimental por parte dos(das) educadores(as). Os módulos que mais apresentaram este perfil de comentário foram o “D – Ginástica Acrobática”, trazendo dificuldade, desafios e divertimento como pontos principais, e o módulo “E – Ginástica Para Todos (materiais de pequeno e médio porte)” evidenciando a criatividade e outras sensações como “feliz”, “deslumbrada”, “motivada” principalmente quanto à exploração de materiais do cotidiano. Todas essas questões parecem “tocar” os(as) educadores(as) ao longo do curso, no sentido de inspirá-los(as) para o desenvolvimento da prática.

Outro ponto importante relatado pelos(as) educadores(as) e evidenciado em diferentes módulos, foi a *utilização de vídeos* como ferramenta didática, capaz de ampliar e adensar melhor a compreensão e a experiência nas propostas do curso.

Já na questão 9, “Houve colaboração deste curso para sua formação profissional e pessoal? Descreva como.”, obtivemos referente à primeira pergunta uma unanimidade de respostas “sim”, evidenciando o quanto curso capacitou tecnicamente, mas também colaborou para a formação pessoal. Em consonância com nossos objetivos, a formação humana dos(das) educadores(as) foi valorizada, um princípio caro na proposta educacional de Paulo Freire (2002), assim como na proposta de Gallardo e Souza (1997) na Ginástica para Todos (fundamentada em MATURANA; REZEPKA, 1995) e na versão atualizada desta mesma proposta do Grupo Ginástico Unicamp, por Graner, Paoliello e Bortoleto (2017). O curso foi elaborado justamente sob a reflexão de que a capacitação pode ser um caminho para a formação humana (BARBOSA-RINALDI, 2005).

Quadro 2. Categorização da questão 9 – Sobre as formas de colaboração profissional e pessoal do curso de capacitação

CATEGORIA	FREQUÊNCIA
Possibilidade de aula	02, 04, 09, 13, 14
Concepção da GPT	03, 07, 08
Conhecer o novo	01, 10, 11
Motivação	05, 06, 12

Fonte: Autoria própria

Reforçou-se que o curso teve colaboração na formação profissional e pessoal, tendo sido manifestada de diferentes formas, tanto separadas como interligadas (“pessoais” e “profissionais”), algumas categorias parecem estar mais ligadas ao campo profissional, enquanto outras, mais ao pessoal.

As entidades sociais buscam educadores(as) com perfis “versáteis” para atuar, tanto com relação ao público (que no caso da SBJ é intergeracional) quanto em relação às atividades desenvolvidas. Talvez também por este motivo, o curso tenha vindo ao encontro deste perfil, trazendo a GPT e outros conteúdos gímnicos como uma ampliação do leque de *possibilidades de aula* a serem lecionadas aos(às) frequentadores(as) das ONGs.

Outro fator de colaboração envolve a *concepção da GPT*, a compreensão de suas características e fundamentos e como isso se reflete na atuação dos(as) educadores(as), de forma profissional e pessoal, relacionando as características da GPT com as da vida, se aproximando dos conceitos de formação humana. Isso ficou evidente na resposta: “Esta modalidade de ginástica é incrível para se trabalhar criatividade, trabalho em grupo, respeito ao próximo, virtudes que tenho que trabalhar em mim e nas crianças que atendo.” (Sujeito 03).

Sobre *motivação* e aspectos educacionais, alguns autores (GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004; BORUCHOVITCH, BZUNECK; GUIMARÃES, 2010; RIBEIRO, 2011; HESS, 2020) apontam que a motivação intrínseca do aluno está diretamente ligada às ações e ao estilo motivacional do professor. Assim, um professor motivado consegue mais facilmente motivar seus alunos.

3.2 A intensificação do diálogo na atuação pedagógica

A intensificação do diálogo entre as pesquisadoras e os(as) educadores(as), se deu na “2 – Implementação da Ginástica para Todos nas organizações”. Após a elaboração coletiva, entre pesquisadoras e participantes/educadores(as), de um cronograma de implementação nas respectivas

organizações (incluindo a coordenação das ONGs), definiram-se as turmas. O processo de implementação durou cerca de dois meses, conduzida pelos próprios educadores(as). Foram 16 encontros em média (duas vezes por semana) com as turmas.

De maneira geral, sob o ponto de vista das pesquisadoras, a capacitação e a implementação tiveram um período curto, que foi predominantemente definido pela coordenação, a partir das possibilidades institucionais. Nesse sentido, as pesquisadoras já previam esse perfil de resposta e constataram a importância de cursos de capacitação mais duradouros em projetos futuros de implementação.

A partir das respostas da questão 10 (“Como professor, quais foram as dificuldades e facilidades no processo de implementação da GPT nas suas aulas”), foi possível estabelecer o seguinte quadro de categorias:

Quadro 3. Categorização da questão 10 – Sobre as dificuldades e facilidades no processo de implementação da GPT

CATEGORIA	DIFICULDADE	FACILIDADES
	ES	
Apoio da gestão	-	01, 11
Aulas/ Coreografias	01	03, 04
Características da prática	06	10
Interesse dos atendidos	02	05, 06, 09, 12
Tutoria	-	02, 07, 08
Nenhuma	03, 04, 06	-

Fonte: Autoria própria

No caso do *interesse dos atendidos*, vale comentar que esta dificuldade foi vivenciada na turma dos jovens. Segundo o S1, ele enfrentou desafios para “manter os jovens animados”. O mesmo não foi vivenciado nas outras duas turmas de crianças, que, pelo contrário, consideraram o interesse, a dedicação e o envolvimento dos atendidos um facilitador do processo. Sabe-se que o período de adolescência vem se alongando cada vez mais e traz questões de conflito de ideias e crises de identidade, por isso, nesse período da vida, o papel do professor é fundamental para orientar e motivar esses adolescentes que estão confusos e insaciáveis (CHICATI, 2000). Nesse contexto, a motivação dos professores volta a ser referenciada nessa questão – assim como na questão 15 – como ponto crucial para a motivação dos alunos.

A categoria *aulas/coreografias* está diretamente relacionada com a categoria anterior, fato evidenciado, por exemplo, quando o mesmo sujeito que a destacou como dificuldade, relatou o quanto foi difícil manter os alunos envolvidos no projeto. Da mesma forma, os outros sujeitos que

destacaram esse envolvimento como facilidade, apontaram que as aulas, a construção coreográfica, e a apresentação foram pontos mais fáceis. Além disso, Scarabelim e Toledo (2016) apontam que há uma lacuna na formação dos profissionais de Educação Física em aspectos relacionados à composição coreográfica, reforçando a dificuldade de criar, de utilizar a música, unir elementos corporais etc.

As *características da prática* foram consideradas como dificuldade para alguns, porém, esta dificuldade parece ter sido superada ao longo das aulas: “no início foi difícil fazê-los entender que a GPT não é competitiva” (Sujeito 05). Outra característica da GPT que, por sua vez, foi apontada como facilitadora do processo, foi a “diversão”, característica esta fortemente ligada à GPT no âmbito do lazer, por ser uma prática que busca vincular o prazer de se movimentar à integração de diferentes pessoas e grupos (OLIVEIRA, 2007; FIORIN-FUGLSANG; PAOLIELLO, 2008; DOMINGUES; TSUKAMOTO, 2021).

O *apoio da gestão* se mostrou essencial para a implementação da GPT. Mais do que isso, ele foi muito valorizado pelos(as) educadores(as) pois, sem ele, provavelmente o projeto não aconteceria. Destacou-se a importância de uma gestão comprometida com o processo, apoiando e colaborando com os(as) educadores(as), oferecendo subsídios, motivando os professores e alunos, mobilizando-se para colaborar em diferentes sentidos.

A *tutoria* realizada pela pesquisadora principal foi apontada exclusivamente como facilidade, evidenciando a importância de se ter um apoio e uma orientação técnica *durante* o processo do processo educativo, que será abordado a seguir.

3.3 O fortalecimento da autonomia: tutoriar para empoderar

Identificamos que o maior fortalecimento da autonomia se deu numa parte considerada essencial pelos(as) educadores(as) no processo de implementação: *a tutoria presencial e online*. Trata-se de uma etapa planejada anteriormente pelas pesquisadoras a partir de suas experiências em processos semelhantes em ONGs e projetos com professores(as) de escolas, nos quais identificaram a importância da tutoria.

Durante toda a implementação, os(as) educadores(as) contaram com a tutoria presencial e *online* (via *e-mail* e WhatsApp) da pesquisadora. As ferramentas *online* foram propostas por serem ágeis, acessíveis e possibilitarem diálogos constantes, especialmente depois da implementação das turmas de GPT nas ONGs, com narrativas sobre o processo, aspectos positivos e negativos, dúvidas sobre os passos seguintes e com o envio de fotografias.

Conforme previsto no projeto, os(as) educadores(as) deveriam se comprometer a participar de um festival de GPT ao final do processo e, após a confirmação dessa participação, os(as) educadores(as) iniciariam um processo de composição coreográfica com as turmas, aproximadamente após um mês (oito aulas) da implementação da GPT. A partir disso, a tutoria *online* tornou-se ainda mais frequente, pois havia muitas dúvidas e insegurança, principalmente pelo fato dos(das) educadores(as) não terem experiência prévia com ginástica e composições coreográficas (o que foi diagnosticado no primeiro dia do curso). Por outro lado, esta apresentação como um novo “foco” passou a motivá-los ainda mais a trabalhar com algo que era antes desconhecido e se tornou um desafio a ser enfrentado.

Implementou-se uma tutoria presencial, para poder colaborar de forma mais efetiva, inclusive trazendo análises e propostas para o desenvolvimento do trabalho coreográfico que não estavam sendo percebidos ou notificados como dificuldades, mas que, por vezes, passaram despercebidos pela pouca experiência dos(das) educadores(as) na área da ginástica (como aspectos relacionados à relação música-movimento, exploração mais diversa do material, segurança dos elementos, posturas acrobáticas etc.).

De maneira geral, considerou-se a tutoria (presencial e *online*) como um processo essencial para o empoderamento dos(das) educadores(as), especialmente por se ater a um olhar para o mundo social e suas diferentes relações (ASSUMPCÃO; TOLEDO, 2019).

A questão 11 foi subdividida em dois itens, que solicitava: “Comente o papel da tutoria presencial (11a) e *online* (11b). As respostas foram categorizadas do seguinte modo:

Quadro 4. Categorização da questão 11 (A) e (B) – Percepções sobre a tutoria presencial e online

CATEGORIA	FREQUÊNCIA (UR)	
	ONLINE	PRESENCIAL
Compartilhamento	03, 10, 11, 12, 18	
Empoderamento	04, 06, 15	10
Essencial	01, 14	02, 07
Instrução	02, 05, 07, 09, 17, 19	01, 03, 06, 11
Outros	08, 13, 16	04, 05, 08, 09

Fonte: Autoria própria

Iniciando a análise pela ferramenta digital (via WhatsApp), vale destacar que ela teve um papel essencial no *compartilhamento* de ideias, de registros, de sugestões e *feedbacks* entre os sujeitos, tornando-se um espaço de debate coletivo. Por meio dessa ferramenta conseguimos estabelecer uma comunicação ágil, prática e barata. O diálogo *online* foi constante desde o primeiro

dia de curso até semanas depois da participação no festival, e se tornou mais intensa durante a composição das coreografias, momento no qual houve muita troca entre os(as) educadores(as) e contribuição com novas ideias e críticas.

A utilização dessa plataforma digital contribuiu significativamente para que eles traçassem um caminho próprio de aprendizagem a partir de suas demandas e sendo, dessa forma, capazes de construir experiências de aprendizagem coletivas e colaborativas, ampliando o papel do professor como mediador de conhecimento (D'IMPERIO; ROSENDO, 2013).

Na tutoria presencial, esse compartilhamento não esteve tão presente entre os(as) educadores(as), pois foi realizada nos horários específicos das turmas formadas, impossibilitando outro momento coletivo além dos encontros do curso.

O *empoderamento* foi um dos pontos singulares que apareceu neste processo de tutoria, tanto via digital quanto presencial. O conceito de empoderamento implica a conquista da liberdade, avanço e superação do estado de subordinação (algum tipo de dependência) por parte daquele que se empodera (sujeito ativo do processo), e não uma simples doação ou transferência por benevolência (VALOURA, 2005). O autor Paulo Freire aproxima o termo empoderamento, ou “*empowerment*”, da noção de classe social e das lutas da classe social oprimida, rumo a uma libertação do oprimido:

A questão do *empowerment* da classe social envolve a questão de como a classe trabalhadora, através de suas próprias experiências, sua própria construção de cultura, se empenha na obtenção do poder político. Isto faz do *empowerment* muito mais do que um invento individual ou psicológico. Indica um processo político das classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação, um longo processo histórico de que a educação é uma frente de luta. (FREIRE; SHOR, 1986, p. 72).

Essa é uma perspectiva que já vem sendo desenvolvida, a exemplo de oficinas de práticas corporais no ambiente escolar que objetivavam “buscar o empoderamento de imigrantes, a partir de problematizações realizadas pelos educadores(as) que visavam, a partir da práxis de Paulo Freire, o desenvolvimento crítico dos sujeitos do processo.” (NOGUEIRA *et al.*, 2019, p. 1275).

Nos dois tipos de tutoria, os comentários de maior incidência foram em relação ao papel instrucional dessa prática, auxiliando, esclarecendo dúvidas dando dicas em diferentes momentos do processo. Importante salientar que a busca pela *instrução* partia sempre dos(das) educadores(das), invertendo a lógica professor-aluno para aluno-professor. Muitos estudos na área de formação de treinadores(as) vêm evidenciando a importância de processos não formais e informais de aprendizagem, que se unem de forma complexa aos processos formais, para a

capacitação profissional, por vezes não havendo um caminho totalmente planejado (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006). O processo informal, especificamente, vem sendo evidenciado por treinadores(as) em diferentes pesquisas como sendo de muita relevância (STOSZKOWSKI; COLLINS, 2012; RODRIGUES; PAES; SOUZA NETO, 2015; TOZETTO; GALATTI, MILISTETD, 2018; CUNHA *et al.*, 2021)

Outros comentários, em sua maioria elogios, foram feitos acerca da tutoria. Para a *online*: “maravilhoso”, “muito boa” e “excelente”; para a presencial apareceram as falas: “superou minhas expectativas”; “foi incrível”; “fantástica” e “vi com bons olhos”. De modo geral a tutoria foi considerada *essencial* em todo o processo, porém, destaca-se a fase de implementação como a de maior necessidade dos(das) educadores(as). E foi nesta fase que também foi possível notar claramente como o empoderamento foi se constituindo, durante as aulas e nas trocas pelo WhatsApp.

3.4 Os diálogos corporais em cena

Os diálogos se vestiram de arte e entraram em cena com a “4 – Participação das ONGs num festival de Ginástica para Todos”. A ONG Social Bom Jesus participou do *Festival de Ginástica para Todos* do Sesc Bom Retiro, no dia 2 de dezembro, com três grupos: dois grupos do CCINTER Clube da Turma e um grupo do CCINTER Imbé. O evento foi composto pela apresentação de 11 composições coreográficas, dentre eles grupos universitários, grupos de escolas, de prefeituras e de outras unidades do Sesc.

A participação no festival foi um ponto alto da pesquisa. O ambiente de um festival de GPT reúne universos distintos, seja em idade, tema, nível técnico, influência cultural e gestual, e a todo momento as pessoas são surpreendidas com diferentes possibilidades. Segundo Patrício, Bortoleto e Carbinatto (2016, p.212): “Os Festivais Ginásticos consistem em eventos nos quais diversas possibilidades gímnicas são apresentadas visando em sua maioria, o conagraçamento e o intercâmbio entre praticantes [...]”. E para Patrício e Bortoleto (2015, p. 100):

Um festival não se limita às atividades ou à programação oficial, oferece também uma esfera de experiências, é um mundo de novos conhecimentos e vivências, como dividir alojamento, ter acesso à visão ginástica de outros países, conhecer novas pessoas e novas culturas, entre outras oportunidades. A intensidade e a riqueza vivida em cada evento podem variar significativamente, mas em geral promove aprendizagens que ultrapassam o ideal de apresentar uma coreografia.

Participar de um festival de GPT foi a proposta escolhida pelas pesquisadoras para encerrar o processo de implementação, o que ressaltamos ter sido uma escolha assertiva, uma vez que todos

os(as) participantes – educadores(as), alunos(as) e gestores(as) – se envolveram e puderam se sentir parte daquele novo ambiente de prática. Por outro lado, naquele momento, se deu o início de uma nova possibilidade de prática a ser desenvolvida e oferecida à toda a comunidade.

A questão 12 (“Qual foi o papel da apresentação no festival do Sesc Bom Retiro para você, como educador(a)?”) trouxe depoimentos muito significativos para este diálogo com as pesquisadoras e para o encerramento do processo:

Quadro 5. Categorização da questão 12 – Sobre o papel da apresentação no festival

CATEGORIA	FREQUÊNCIA (UR)
Realização/Satisfação	01, 04, 05, 06, 07, 09
Aprendizagem	02, 08
Emoção	03

Fonte: Autoria própria

A participação no festival de GPT teve, para os(as) educadores(as), uma questão a se destacar: *realização/satisfação*. Os sujeitos relataram a satisfação de ver um trabalho concretizado, o orgulho de ver seus alunos se apresentando, seu trabalho sendo aplaudido e a realização pessoal e profissional que este momento trouxe. De acordo com Patrício e Bortoleto (2015, p. 110):

[...] sentir prazer de exibir suas produções, de mostrar suas habilidades e de revelar o “seu melhor” faz parte da essência humana, seja no trabalho ou no lazer. Essa potencialidade é que torna os festivais (de ginástica, de dança, de música etc.) relevantes para a formação humana.

Além de realizados, os(as) educadores(as) se mostraram valorizados por meio do trabalho que apresentaram: “[...] emocionante ver o seu trabalho sendo aplaudido por muitos profissionais, pais e a entidade que você trabalha” (Sujeito 02). Destaca-se que a questão de “apresentar-se” está inserida na rotina dos(das) educadores(as) e seus(suas) alunos(as), porém, num contexto de eventos de datas comemorativas, nas quais os espectadores são funcionários, parentes e os próprios atendidos e não há qualquer aproximação com a ginástica, o que distancia a realidade de suas vivências anteriores, de um festival de GPT como o que eles participaram.

Outro papel dessa participação foi o de *aprendizagem*, atribuído ao crescimento profissional que esta experiência proporcionou aos educadores(as), especialmente por ter sido a primeira participação em um evento como esse. Diferentes *emoções* foram proporcionadas para quem se apresentou, para quem assistiu e para quem coordenou. No caso dos educadores(as)/coordenadores(as), a participação propiciou um momento “mágico e emocionante”,

segundo o Sujeito 02. Os depoimentos a seguir foram mensagens espontâneas via WhatsApp direcionadas à pesquisadora principal algumas horas depois da realização do festival e, portanto, não pertencem às respostas deste questionário. Todavia, considera-se importante associar essas falas com as respostas do questionário:

“Foi muito emocionante, acho que fiquei sem respirar nas três apresentações. E ver que todo o esforço foi recompensado com os aplausos e principalmente com o sorriso de cada um é muito gratificante mesmo.” (Sujeito 01)

“Não tem recompensa maior do que ter feito uma plateia que talvez já esteja acostumada com tudo isso, se surpreender, fazer eles darem risada [...] teve horas que eles bateram, aplaudiram, teve horas que eles gritaram, não tem melhor sensação que essa”. (Sujeito 03)

“Foi um dia realmente especial para todos nós. Fazer algo que fugia totalmente das minhas atribuições me fez descobrir mais uma área que faz sentir orgulho da minha formação.” (Sujeito 05)

Todos os depoimentos reforçam o papel de *realização/satisfação*, de *aprendizagem* e de expressar *emoções* que a participação no festival teve para os(as) educadores(as). Traçando um paralelo com a extensão universitária, corroboramos com Abade e Gomes (2016) sobre como a experiência potencializa o processo formativo do sujeito em formação, principalmente ao experimentar e refletir sobre sua intervenção, a partir da articulação de teoria e prática.

4. A POTÊNCIA DA EXPERIÊNCIA E DA ESCOLHA PEDAGÓGICA

A partir desta proposta piloto de implementação de GPT, alguns apontamentos puderam ser feitos. Em primeiro lugar, a estruturação dos encontros, subsidiada pela “práxis” (FREIRE, 2002) e apoiada por uma apostila didática, mostrou-se eficiente para o processo de capacitação para educadores(as) que não tinham conhecimento nesta área. Porém, consideramos interessante ter mais tempo destinado à capacitação, pois identificou-se que a formação profissional na área da Ginástica ainda parece ter pouco espaço ou ter sido pouco efetiva.

Concluimos, ainda, que outros modelos de cursos no TS poderiam também ser testados e ser bem-sucedidos, aproveitando-se estratégias dialógicas e de ação/reflexão a distância, a exemplo do que vem sendo desenvolvido em cursos de Ensino a Distância (EaD) há mais de uma década; e de todo o processo aprendido recentemente durante o período pandêmico da COVID-19 (CONGPT, 2021; TOLEDO, 2021).

No processo de implementação, consideramos que a proposta deve ser flexível e adequada a cada realidade, cabendo ao pesquisador ser um grande mediador nesse processo, o que ocorreu

nesta proposta. Também por isso consideramos 2 meses um período relativamente curto para a implementação, fazendo-se necessário ampliar este tempo.

A tutoria, de forma geral, foi ao encontro da abordagem da autonomia do sujeito (FREIRE, 2002) e mostrou-se essencial para a efetivação do processo de implementação. Além disso, revelou-se importante estratégia de empoderamento dos(das) educadores(as), uma vez que possibilitou o compartilhamento coletivo, colaborou com instruções e *feedbacks*, trouxe motivação ao trabalho e reforçou a ideia do curso de não apenas capacitar, mas dar autonomia e outras ferramentas para o desenvolvimento humano.

A participação num festival de GPT foi de extrema importância para os(as) participantes, revelando novas experiências, possibilidades (de movimento e artísticas), emoções e protagonismo, evidenciando, principalmente, a satisfação de ver seu trabalho sendo realizado e aplaudido. Ademais, essa participação teve um sentido especial de “fortalecer vínculos” e de “cidadania”, que é justamente a missão institucional da ONG Social Bom Jesus, e da área da Assistência Social de forma mais ampla.

Concluiu-se que a GPT parece ser uma forma de praticar ginástica que se alinha aos objetivos das ONGs e, dessa forma, pode ser trabalhada e inserida como uma possibilidade para a transformação da realidade social e construção de cidadania de jovens e crianças que participam de projetos e instituições do terceiro setor. Reforça-se aqui também, o desejo por parte das pesquisadoras de ampliar e potencializar esta proposta, com parceiros privados, e com outras organizações também do TS que busquem fortalecer e ampliar seus projetos.

REFERÊNCIAS

ABADE, Natascha Stephanie Nunes; GOMES, Christianne Luce. Lazer, saúde e intervenção com pessoas idosas: percepções sobre essas temáticas no contexto da educação física. **Pensar A Prática**, [S.L.], v. 19, n. 4, p. 828-841, 28 dez. 2016. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v19i4.38414>.

ASSUMPÇÃO, Bianca. **Uma proposta de implementação da Ginástica para Todos em organizações não governamentais**. 2018. 205 p. Dissertação (mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

ASSUMPÇÃO, Bianca; TOLEDO, Eliana de. A ginástica no terceiro setor: um estudo de caso da REMS (Rede Esporte pela Mudança Social). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 31, p. 29-40, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/354132216_A_ginastica_no_terceiro_setor_um_estudo_de_caso_d_a_REMS_Rede_Esportiva_pela_Mudanca_Social

ASSUMPÇÃO, Bianca; TOLEDO, Eliana. Implementação da Ginástica para Todos em ONGs: a tutoria como estratégia para as adequações a diferentes contextos sociais. **Anais do VI Congresso Latino-Americano de Estudos Socioculturais do Esporte - ALESDE**, vol. 1, p. 444-445, Ribeirão Preto, SP, Brasil, 2019.

BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra; PAOLIELLO, Elizabeth. Saberes ginásticos necessários à formação do profissional em educação física: encaminhamentos para uma estruturação curricular. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 227-243, 2008. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/127/136>

BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. **A ginástica como área de conhecimento na formação profissional em Educação Física: encaminhamentos para uma estruturação curricular**. 2005. 219p. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BARDIN. Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 2011.

BATISTA, Mellina Souza. **Extensão universitária: análise dos grupos de Ginástica para Todos**. 2019. 97f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.7

BORUCHOVITCH, Eveli; BZUNECK, José Aloyseo; GUIMARÃES, Sueli Édi Rufni. **Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BUARQUE, Maria Augusta Azevedo Gomes. A Ginástica Geral em programas sociais. In: **Anais do Fórum Internacional de Ginástica Geral**; 2005; Campinas, SP. Campinas: SESC: FEF/UNICAMP; 2005. p. 79-81.

CHICATI, Karen Cristina. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física**, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2000. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/31463595/3799-10674-1-PB-libre.pdf?1392290611=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DMOTIVATION_IN_PHYSICAL_EDUCATION_CLASSES.pdf&Expires=1698708416&Signature=R55iRCIMLY~xHtjWcDxPp0PL96shr0FYqUE8PBPqyIh-BFty99xmed7aC1fcLTIAkqwwt6b9wmwh517qM89h39tLUqCI-46ShqypI1ZE6Yq3Xj5-jL9jAAQBbpgQ4VBYxo5H~7d~Y-LU3c2aR45W42dDwPVeQiv3-lP8OJZTWWhSe8aJOX7YqpGgnY4aU3CmEW6D2J0Y1AghvPV6-a79d1YS28RM6nrC1vSxedU2LOknqFqD9ZMFR7WfCg3U12sh9Or4DxDKuo24FYRg8InkSLPtAb1EJpSBWG79i84jL7azlUqFnLg9K2Pid3zg7Kt3Ovbsbib36v9V0Sy5~VdEA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA

CONGPT. Congresso Nacional de Ginástica para Todos. **Anais – A GPT e sua abordagem virtual em tempos de lutas e resistência**. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/GPT/article/view/15024> Acesso em: 20 mar. 2023.

CUNHA, Luiza Darido da; RODRIGUES, Heitor de Andrade; GALATTI, Larissa Rafaela; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França. O local de trabalho como potencializador na formação de treinadores de basquetebol. **Motrivivência**, [S.L.], v. 33, n. 64, p. 1-17, 20 out. 2021. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2021.e79633>.

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**. 6. ed. Campinas: Papirus; 2010.

D'IMPERIO, Ana Lúcia; ROSENDO, Rosi. Séries finais do ensino fundamental: o papel das TIC na etapa mais desafiadora do ensino básico. In: **COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. TIC Educação 2013: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras**, São Paulo, 2013, p. 73-80.

DOMINGUES, Laís Santos; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. Ginástica para todos e lazer. **Corpoconsciência**, [S.L.], p. 171-186, 29 mar. 2021. Revista Corpoconsciência. <http://dx.doi.org/10.51283/rc.v25i1.11921>.

FIORIN-FUGLSANG, Cristiane Montozo; PAOLIELLO, Elizabeth. Possíveis relações entre ginástica geral e o lazer. In: PAOLIELLO, E. (Org.). **Ginástica geral: experiências e reflexões**. São Paulo: Phorte, 2008. p. 97-119.

FREIRE, João Batista; SCAGLIA, Alcides José. **Educação como prática corporal**. Porto Alegre: Scipione; 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1986.

GRANER, Larissa; AYOUN, Eliana. Ginástica para Todos na Educação Física Escolar: processos de criação na escola. In: OLIVEIRA, Michelle Ferreira; TOLEDO, Eliana. **Ginástica para Todos - Possibilidades de Formação e Intervenção**. Anápolis, GO: Editora UEG, 2016.

GRANER Larissa; PAOLIELLO, Elizabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Grupo Ginástico Unicamp: potencializando as interações humanas. In: Bortoleto MAC, Elizabeth P. **Ginástica Para Todos um encontro com a coletividade**. Campinas: Editora Unicamp; 2017.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini; BORUCHOVITCH, Evely. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 143-150, 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722004000200002>.

HESS, Cássia Maria. **O tema saúde na educação física escolar: apropriações docentes e discentes e aspectos motivacionais**. 2020. 200 p. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

LOPES, Priscila; CARBINATTO, Michele Viviene. Princípios da pedagogia freiriana na extensão universitária em Ginástica para Todos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, p. 1-25, 2023. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782023280008>

MALDONADO, Daniel Teixeira; BOCCHINI, Daniel. Ensino da ginástica na escola pública: as três dimensões do conteúdo e o desenvolvimento do pensamento crítico. **Motrivência**, [S.L.], v. 27, n. 44, p. 164, 4 maio 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2015v27n44p164>.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Simas Nisis de. **Formacion humana y capacitacion**. Santiago: Dolmen, 1995.

MENEGALDO, Fernanda Raffi; TOLEDO, Eliana de; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. A parceria público-privada no contexto esportivo: o caso de uma equipe de ginástica rítmica da cidade de Campinas-SP. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, sup. 10, p. 15-28, out. 2017. São Paulo. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fernanda-Menegaldo/publication/320701429_A_parceria_publico-privada_no_contexto_esportivo_o_caso_de_uma_equipe_de_ginastica_ritmica_da_cidade_de_Campinas-SP/links/59f5c5310f7e9b553ebc01b7/A-parceria-publico-privada-no-contexto-esportivo-o-caso-de-uma-equipe-de-ginastica-ritmica-da-cidade-de-Campinas-SP.pdf

MOREIRA, Giselly Cristiny; NASCIMENTO, Raquel Krapp do; CARDOSO, Allana Alexandre; SAMPAIO, Gabriela Breggue da Silva; BEZERRA, Liudmilla de Andrade; FARIAS, Geucemar Oliveira. Ginástica no contexto escolar: uma revisão sistemática. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 24, n. 2, p. 29-41, mai./ago., 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/10298/7402>

NELSON, Lee J.; CUSHION, Christopher J.; POTRAC, Paul. Formal, Nonformal and Informal Coach Learning: a holistic conceptualisation. **International Journal Of Sports Science & Coaching**, [S.L.], v. 1, n. 3, p. 247-259, set. 2006. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1260/174795406778604627>.

NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos; FREIRE, Elisabete dos Santos; MIRANDA, Maria Luiza de Jesus. Práticas corporais e Paulo Freire: uma análise sobre a produção do conhecimento. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [S.L.], v. 24, n. 4, p. 1265, 6 jan. 2019. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.85020>.

OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de. Ginástica para Todos: perspectivas no contexto do lazer. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 27-35, 2007. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1280/984>

PATRÍCIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Festivais ginásticos: princípios formativos na visão de especialistas. **Conexões**, [S.L.], v. 13, n. , p. 98, 12 maio 2015. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/conex.v13iesp..8637578>.

PATRÍCIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CARBINATTO, Michele Viviene. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S.L.], v. 30, n. 1, p. 199-216, mar. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092016000100199>.

PEREZ GALLARDO, Jorge Sergio; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado. A proposta de ginástica geral do grupo ginástico UNICAMP. In: PEREZ GALLARDO, J. S. et al. **Coletânea: Encontro de Ginástica Geral**. Campinas: Gráfica Central da UNICAMP, 1996. p. 25-32, 33-36.

PRESTA, Michelle Guidi Gargantini; AYOUB, Eliana. Ginástica para todos(as) em diálogo com professoras de creche. **Conexões**, [S.L.], v. 20, p. 1-17, 7 fev. 2023. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/conex.v20i00.8670976>.

RIBEIRO, Filomena. Motivação e aprendizagem em contexto escolar. **Profforma**, v. 3, p. 1-5, 2011. Disponível em: http://www.cefopna.edu.pt/revista/revista_03/pdf_03/es_05_03.pdf

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.L.], v. 23, n. 4, p. 64-73, dez. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932003000400010>.

RODRIGUES, Heitor de Andrade; PAES, Roberto Rodrigues; SOUZA NETO, Samuel de. A socialização profissional do treinador esportivo como um processo formativo de aquisição de saberes **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 509-521, 11 dez. 2015. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.55346>.

SCARABELIM, Maria Letícia Abud; TOLEDO, Eliana de. Proposal of analytical records for choreographic compositions in gymnastics for all. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S.L.], v. 30, n. 1, p. 159-170, mar. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092016000100159>.

SCHIAVON, Laurita Marconi. **O projeto Crescendo com a ginástica**: uma possibilidade na escola. 185 p. Dissertação (mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCHIAVON, Laurita; PICCOLO, Vilma Nista. A ginástica vai à escola. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [S.L.], v. 13, n. 3, p. 131-150, 17 abr. 2008. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.3572>.

SCHIAVON, Laurita Marconi; TOLEDO, Eliana. Interfaces entre a Ginástica para Todos e as Tecnologias. In: MIRANDA, R.C.F.; EHRENBERG, M.C.; BRATIFICHE, S.A. (org). **Temas emergentes em Ginástica para Todos**. Várzea Paulista: Fontoura, 2016. p. 15-48.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; VARJAL Elizabeth; FILHO Lino Castellani, ESCOBAR Micheli Ortega, BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez; 2014.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. **Ginástica geral: uma área do conhecimento da Educação Física**. 1997.163p. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

STOSZKOWSKI, John; COLLINS, Dave. Communities of practice, social learning and networks: exploiting the social side of coach development. **Sport, Education And Society**, [S.L.], v. 19, n. 6, p. 773-788, 6 jun. 2012. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13573322.2012.692671>.

TOLEDO, Eliana de. **A legitimação da ginástica de academia na modernidade: um estudo da década de 1980**. 2010. 257p. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

TOLEDO, Eliana de. Aspectos pedagógicos do ensino da Ginástica Rítmica. In: NISTA-PICCOLO, V.L.; TOLEDO, E. **Abordagens pedagógicas do esporte - modalidades convencionais e não convencionais**. Campinas: Papirus, 2014. p. 345-361.

TOLEDO, Eliana de. Estudos e experiências sobre a ginástica para todos e Paulo Freire. **Corpoconsciência**, São Paulo, v. 24, p. 47-63, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/10984/7755>

TOLEDO, Eliana de. Conferência de Abertura do CONGPT 2021 – **Ensaio cartográfico de movimentos de resistência na GPT em tempos difíceis**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TfefRNfyCWI&t=8s> . Acesso em: 12 jan. 2023.

TOLEDO, Eliana de; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz ; CARBINATTO, Michele Viviene. Fundamentos da Ginástica para Todos. In: Myrian Nunomura. (Org.). **Fundamentos das Ginásticas**. 1ed. Varzea Paulista: Fontoura, 2016, v. 1, p. 87-101

TOLEDO, Eliana de; SILVA, Paula Cristina Costa. (orgs). **Democratizando o ensino da Ginástica: estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais**. Várzea Paulista: Fontoura, 2013.

TOLEDO, Eliana de; DESIDERIO, Andrea; SCHIAVON, Laurita Marconi. Ginástica e terceiro setor: possibilidades do alcance da cidadania. In: TOLEDO, E., SILVA, P.C.C. (org). **Democratizando o ensino da Ginástica** – estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais. Várzea Paulista: Fontoura; 2013. p. 49-96.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TOZETTO, Alexandre Vinicius Bobato; GALATTI, Larissa Rafaela; MILISTETD, Michel. Desenvolvimento profissional de treinadores esportivos no Brasil: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. **Pensar A Prática**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 207-219, 29 mar. 2018. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v21i1.45153>.

TRUZZI, Luciano; SCARABOTTO, Rosemari Simalha; RODRIGUES, Valeria Aparecida. A Ginástica Geral no programa "Ame a Vida sem Drogas". In: **Anais do III Fórum Internacional de Ginástica Geral**; 2005; Campinas, SP. Campinas: SESC - FEF/UNICAMP, 2005, p. 83-85.

TRUZZI, Luciano; UGAYA, Andreza de Souza. Ame a vida – ecos de uma história da GPT. In: TOLEDO, Eliana et al. (orgs). **Anais do X Fórum Internacional de Ginástica para Todos**. Campinas: Unicamp e SESC, 2022. p. 363-365.

TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; NUNOMURA, Myrian. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, USP, São Paulo, v. 3, p. 159-176, 2005. Disponível em: <http://rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/166/175#>

VALOURA, Leila de Castro. **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformado**, 2005. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/303912423_Paulo_Freire_o_educador_brasileiro_autor_do_termo_Empoderamento_em_seu_sentido_transformador#:~:text=\(Valoura%2C%202005\)%20.,Rede%20Esportiva%20pela%20Mudan%C3%A7a%20Social.](https://www.researchgate.net/publication/303912423_Paulo_Freire_o_educador_brasileiro_autor_do_termo_Empoderamento_em_seu_sentido_transformador#:~:text=(Valoura%2C%202005)%20.,Rede%20Esportiva%20pela%20Mudan%C3%A7a%20Social.)

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Às gestoras da ONG Social Bom Jesus que abriram as portas e possibilitaram esta intervenção, e às educadoras e educadores que participaram tão ativamente de todo o processo. Ao Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginástica (LAAPEGI/UNICAMP) e toda a equipe de pesquisa que colaborou com as reflexões e análises do projeto.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica.

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Unicamp sob o número do CAAE desta pesquisa é 74972117.8.0000.5404 e a data é 13 de Novembro de 2017. Carta de aceite em anexo.

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.



EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Bianca Poffo

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 10.05.2023

Aprovado em: 20.10.2023